

A IRONIA ENQUANTO RECURSO ESTÉTICO NA PRODUÇÃO DE HILDA HILST

Aline Pires de Moraes (UNEMAT/IFMT)¹


Resumo: Este trabalho busca mostrar de que modo o discurso irônico aparece nas crônicas hilstianas como recurso estético que visa desvelar as mazelas de uma sociedade que ignora os problemas sociais enfrentados diariamente pelos cidadãos. Portanto, objetiva-se mostrar de que modo a ironia destilada por Hilst em sua produção é o veículo para a produção de uma crítica que procura olhar para aqueles que foram esquecidos, para as vítimas de todo um processo social excludente e massacrador.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Crônica; Ironia.

Pensar os sentidos irônicos propostos por um texto é considerar que apenas uma leitura não esgota as múltiplas significações adquiridas pelos signos quando estes ganham o universo da linguagem, e é neste sentido que o jogo verbal oferece, a quem nele ousa entrar, uma multiplicidade de tensões que abrem caminhos para compreensões várias, e uma delas faz instaurar efeitos de sentido que contemplam inumeráveis possibilidades de exegese. Nesse cenário, em especial, nosso olhar volta-se para os textos hilstianos enquanto construções de linguagem que tornam saboroso o degustar da palavra literária, porque foram temperados com aquela pitadinha de ironia que conduz ao riso.

É justamente dessa ironia reveladora de uma tensão do homem com o mundo que a voz hilstiana se apropria. Dona de uma dicção que sabe onde chegar, Hilda recorre ao recurso da ironia demonstrando plena consciência de seu processo de escritura. Hilst, a molde de Sócrates e sua técnica de partejar ideias, instaura questionamentos que visam contestar aspectos sócio-políticos e humanos, abalando concepções tidas como adequadas para o contexto e desvelando, dessa maneira, a potencialidade do dizer literário e a capacidade própria da literatura de dar sentido aos vazios humanos. Ou seja, por meio da ironia, Hilst potencializa um discurso que demonstra toda a consciência de que a literatura é construída em um espaço onde se desvela um anseio de comunicar-se a fim de completar os vãos da alma humana, escreve-se para vencer a frustração diante da vida e também para vencer o medo e as angústias que atormentam a alma humana.


¹ Graduada em Letras (UFU), Mestre em Teoria Literária (UFU), Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – Campus Campo Novo do Parecis . Contato: morais_aline@hotmail.com.



A postura polêmica adotada por Hilst em sua produção cronística revela-nos a voz de uma escritora preocupada com as questões de seu tempo e que não pretende fazer literatura como forma de fugir da realidade, mas como maneira de pensá-la criticamente. Em textos polêmicos, Hilst destilou seu “veneno” e arrancou as máscaras de uma sociedade hipócrita; a autora falou sem medo e sem pudores de problemas sociais historicamente consolidados e desmascarou a elite não apenas campineira, embora esta em especial, mas toda a burguesia brasileira.

A adoção desse comportamento tido por muitos como ousado sempre foi motivo de duas posturas por parte dos seus leitores ou se afastavam ou se aproximavam cada vez mais usando como justificativa sempre o hermetismo ou profundidade de sua escrita ou a ousadia de seu projeto literário. Mesmo declarando nunca ter pensado em leitor (HILST, 2007, p.127), vemos que os textos de Hilda buscam um leitor que está perdido e que precisa ser encontrado. Sem se render a uma literatura de massa Hilst mergulha seus textos em uma linguagem que beira o banal, mas que na verdade tratam de assuntos sérios e que precisam ser pensados de modo universalizante, e o veículo encontrado pela escritora foram as páginas do jornal campineira.

Ao pensarmos seus textos produzidos para o jornal é importante destacar que naqueles em que a autora opta pela instauração de polêmicas, nada é gratuito. Dona de uma dicção incisiva e que, muitas vezes, pretende atacar os valores burgueses da sociedade brasileira, ora pela via da ironia ora pela da agressividade, Hilst apresenta em alguns textos expressões depreciativas afim de atingir os objetivos que tem em mente: estabelecer um lugar de fala, delimitar seu posicionamento político, estético, literário, etc., demarcar as ideias que pretende suscitar e as que anseia que sejam sobrepujadas, assim como também apresentar quem são aliados e quem são adversários. Outro aspecto recorrentemente usado por Hilda em suas crônicas é a abertura para o humor provocado pela ironia. Ao fazer isso Hilst pretende suavizar expressões mais fortes, tornando-as mais agradáveis e cativando o leitor, ou intensificar a crítica, dando ao texto um matiz de galhofa que achincalha seu alvo ou seu destinatário, por meio da mobilização de um capital cultural e social.



Com uma linguagem viperina Hilst incita as pessoas a pensarem a sociedade contemporânea e suas mazelas, como faz na crônica “Ou estaremos em Londres?” em que brinca com as palavras surpreendendo seu leitor ao usar a realidade para provocar sua reflexão.

Ou estaremos em Londres?


Gente! Tô besta! Nunca vi uma urna provocar tanto bizantino fuzuê! Não é de uma urna qualquer que eu estou falando, mas de uma urna fúnebre! Resumindo: os meios literários de São Paulo estão alvoraçados porque dois vates brasileiros, os senhores Bruno Tolentino e Augusto de Campos, fizeram diferentes traduções de um poema intitulado *Praise for na urn* (que naturalmente todos vocês conhecem) do poeta norte-americano Hart Crane (matou-se em 1932, atirando-se ao mar). Dois grandes jornais paulistas têm publicado páginas e páginas sobre a “celeuma” das traduções, e os dois vates se digladiaram com muita emoção. Um, porém, o sr. Bruno Tolentino, escreveu com bastante fair-play e graça, no meu entender, e outro, o sr. Augusto de Campos, com a cólera espumante de Jeová, aquela de te deixar largada e acabadaça. Quero, neste meu espaço, dar minha modesta contribuição a essa ‘querela’ da maior importância pro nosso miserável, analfabeto e triste quinto mundão. Ou estaremos em Bizâncio? Alô alô, Constantinopla?

Modesta contribuição de Hirdo Hirdis, poetinha da região

E rabo de rei cê come assado?
E do sapo Liu-Liu cê come cru?
E que cor que é a crica da barata?
E bunda de grilo é poesia abstrata?
E concretude, negada, o que é, o que é?
E fiofó engole bolinha de gude?


Ode a uma turma

Ó Tolentino, Ó Augusto
Que importa se houve “urnas”, “corcéis”
E “arrebóis” até?
O certo é que entre vosotros



Houve cascos
E ao invés de licores e “gargântuas”
Houve turras e mé.
O coração preclaro do Poeta
Emurcheceu de tantos dissabores
E a rodela de muitos escritores
Vos sentiu a curra
Fechando-se no escuro
Engruvinhada, aos urros
Panicosa de medo das palavras
De dois vates de lustro
Mexericando sobre urnas fúnebres.
Aquietai-vos, vos peço.
Já não nos basta o pejo
De saber nada nos Brasis-“subúrbio”
Muito menos em inglês
Essa língua de lobbies e de reis
Pois, porque os nós daqui
Só reconhecem o braço do FMI
Que quando se levanta
Se transmuta em machado
E portanto da língua não sabemos
Pois na hora da crica, os celerados
Graças ou não a Deus, nunca a meteram.
Meteram-na ou não? De gramática
E prazeres, perdão, ando esquecido
Pois de sabença, foi-se-me
Formalidade e tesão.
Aquietai-vos, ó bardos!
De oiti fechado
Muito menos não durmo
E muito menos cago
Tremuloso de medo
Dos dois dardos!

(domingo, 9 de outubro de 1994)




(HILST, 2007, p.-274-276)

A temática norteadora da crônica trata da polêmica instaurada em torno da tradução do poema de Hart Crane. Trata-se, no caso, da polêmica que ganhou as páginas de grandes jornais brasileiros, possivelmente uma das maiores discussões na história da tradução brasileira, ocorrida entre setembro e outubro de 1994, usada por Hilst como mote de sua crônica: o tradutor e poeta Bruno Tolentino escreveu uma resenha sob o título "Crane anda para trás feito caranguejo", na qual teceu severas críticas a uma tradução de Augusto de Campos para o poema "Praise for an Urn", de Hart Crane. O ponto fulcral escolhido por Hilst revela seu posicionamento perante discussão me voga: Enquanto a sociedade parece se digladiar em razão de traduções diferentes para um poema, ela chama a atenção para a insignificância de tal fato em comparação aos grandes problemas sociais enfrentados diariamente pelo cidadão brasileiro.

O título da crônica, de caráter questionador, já nos coloca uma dúvida: "estaremos em Londres?". A referência espacial escolhida pela cronista nos remete a uma nação de primeiro mundo com economia desenvolvida onde a problemática suscitada seria normalmente aceitável, considerando os índices de desenvolvimento local, no entanto esse questionamento tem como objetivo nos situar no contexto de produção que o debate se instaura: Brasil, país em desenvolvimento cuja economia é corroída pelos índices de corrupção que afetam ferozmente a oferta de serviços básicos para a população, contribuindo para aumentar os índices de desigualdade social e econômica, problema crônico enfrentado pelo brasileiro diariamente.

Além disso, vale destacar que ao iniciar o título por uma conjunção coordenativa alternativa Hilst sugere que há opções que não foram expostas e que a pergunta subjetivamente nos remete a importância do debate dos autores no contexto sócio-político em que se inserem. Portanto, a proposta da autora pode ser entendida pelo questionamento implícito: estaremos no Brasil ou estaremos em Londres?

Já no final do primeiro parágrafo a autora trabalha mais uma vez com a dúvida marcada pela conjunção 'ou' na afirmação "Ou estaremos em Bizâncio?", Tudo isso




sinaliza também outro questionamento que é desenvolvido no corpo da crônica: o debate é relevante para o contexto brasileiro? A resposta para essa pergunta vem claramente exposta em: “Quero, neste meu espaço, dar minha modesta contribuição a essa ‘querela’ da maior importância pro nosso miserável, analfabeto e triste quinto mundo”.

Observa-se que o discurso hilstiano se constrói de acordo com a concepção irônica clássica, aquela em que se diz algo pretendendo que o oposto seja compreendido; ao dizer “maior importância” e em seguida elencar uma série de características que desfavorecem tal importância a cronista pretende que o leitor veja que o debate acalorado entre Tolentino e Campos não tem relevância nenhuma para a grande maioria dos brasileiros que mal têm acesso a uma educação de qualidade e, por isso, não podem participar ativamente deste debate, pois sequer sabem do que ou de quem se trata, concepção reafirmada pelo uso da ironia na passagem: “[...] os senhores Bruno Tolentino e Augusto de Campos, fizeram diferentes traduções de um poema intitulado *Praise for an urn* (que naturalmente todos vocês conhecem) [...]”.

A ironia se instaura aqui enquanto estratégia argumentativa que visa despertar no leitor o interesse, não pela ‘querela’ acerca da tradução de *Praise for an Urn*, mas pelas questões políticas e sociais que tanto afligem os cidadãos brasileiros diariamente, mas que são ora esquecidas, ora omitidas, ora ignoradas ou ora maquiadas pela grande mídia, donde o recurso à ironia para intensificar o teor da crítica social que é desenvolvido ao longo da crônica. Estratégia que Hilst usa para que seu texto não constitua apenas um olhar amargurado em face das questões por ela suscitadas.

Pode-se também observar que a organização do texto baseada na lógica dos contrários, coloca a perspectiva apresentada pela autora na esfera da contradição, e, ao trabalhá-la, é possível perceber a contradição na sua qualidade de evento polifônico, que atesta a presença do enunciador, faz escutar uma voz e diferencia locutor e enunciador. Dessa maneira, a ironia contrapõe o que está dito com o que de fato se quis dizer, como aponta Ducrot (1987, p. 197): “Um enunciador irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável”.




Outro aspecto relevante que merece ser destacado nesta análise é a maneira como a voz enunciativa da crônica personifica a indignação e perplexidade frente ao que será exposto. Em “Gente! Tô besta!” a recorrência a uma linguagem coloquial e o uso do vocativo para interpelar o leitor são recursos utilizados pelo narrador para provocar uma aproximação dele, narrador, e marcar a sua indignação diante de tanto “fuzuê” provocado pela discussão em voga. Desse modo, essa tentativa de aproximação feita por Hilst ao inserir o leitor em sua escrita e chamá-lo para participar de sua perplexidade é uma estratégia que faz da ironia destilada pela autora um recurso argumentativo que demanda dele, leitor, uma ação ativa no processo de negociação e interpretação do sentido. Assim, bem se verifica que o implícito não se recupera prontamente na troca dos enunciados, mas na contradição dos valores argumentativos arraigados às comunidades.

Neste processo de aproximação, Hilst brinca com a multiplicidade de sentidos da palavra ‘urna’ e delimita sua significação ao deixar claro que “não é de uma urna qualquer que eu estou falando, mas de uma urna fúnebre!”, e logo em seguida, por meio do emprego da palavra “resumindo” ela simplifica toda a polêmica em poucas linhas e deixa clara sua opinião acerca do posicionamento dos autores: “[...] os dois vates se digladiaram com muita emoção. Um, porém, o sr. Bruno Tolentino, escreveu com bastante fair-play e graça, no meu entender, e outro, o sr. Augusto de Campos, com a cólera espumante de Jeová, aquela de te deixar largada e acabadaça”.

Vemos que, ao brincar com a polêmica, Hilda Hilst recorre ao humor para inserir-se na discussão. Vale lembrar que a autora em nenhum momento pretende desvalorizar o papel da literatura e a importância de que ela seja discutida nos veículos de comunicação, mas tem em vista colocar a questão como irrelevante frente a todo um contexto social de miséria, analfabetismo e tristeza enfrentado pelos brasileiros diariamente e ignorado por esses mesmos veículos midiáticos que tanto privilegiaram tal embate de ideias circunscrito a um pequeno grupo social. Por isso, Hilst opta por usar o “seu” espaço do *Caderno C* para dar sua “modesta contribuição”.

E a ‘modesta contribuição’ vem marcada por uma linguagem ferina, cheia de coloquialidade que brinca com a baixeza de um linguajar chulo que aborda as genitálias para tratar de conceitos estéticos literários. Linguagem esta que permeou a discussão entre



Tolentino e Campos. Em seis versos o sujeito poético sinaliza a imprecisão dos conceitos de poesia abstrata e concreta e lança uma série de questionamentos elencados para investir, com toda a ferocidade do seu ácido dizer poético, a crítica certa que desvela o real.

Observe-se ainda que todos os versos são constituídos por interrogações plasmadas com o emprego de gírias que se referem à genitália: como ‘rabo, crica, bunda, fiofó’, sendo que muitas vezes, o pudor cerca a referência vulgar a esses órgãos. Mas aqui Hilst usa tais termos, evitando maquiá-los, e elegendo-os mesmo provocativamente. Seria, sem dúvida, uma forma de chamar o leitor para o texto. Escandalizando-o, também o atrai, haja visto o inegável interesse despertado por textos que optam por esse tipo de linguagem.

Vemos que a ironia hilstiana é destilada de modo ferino e a crítica se constrói tomando o contexto social dos brasileiros como pano de fundo.. O clamor registrado para que cesse o debate vem seguido de uma justificativa muito plausível: os autores desconhecem os Brasis-subúrbio, ou melhor, não conhecem os vários Brasis dentro do próprio Brasil, por isso o pedido para que se aquietem está acompanhado de uma descrição clara da realidade brasileira.

A ironia veicula uma crítica que procura olhar para aqueles que foram esquecidos, para as vítimas de todo um processo social excludente e massacrador.

Lembremo-nos que para Muecke, a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma, mas uma série infindável de interpretações subversivas (1995), processo recorrente na obra hilstiana, pois o dito por ela não está pronto, ele é construído em um processo de relações que se estabelecem na relação leitor-texto, uma vez que a ironia aparece enquanto modo de representação da realidade demonstrando o modo como as relações sociais são vistas pelo olhar de Hilda.

Linda Hutcheon mostra, em seu estudo sobre a ironia, o modo como ela pode se transformar em instrumento de crítica e, em Hilda, notamos que a atitude irônica é ferramenta de denúncia e desvelamento social, instrumento questionador da ordem vigente, dos códigos de conduta e das estratégias repressivas. Ao desferir o tom irônico

em crônicas que buscam no real o substrato para a palavra, a escritora paulista demonstra claramente sua tomada de consciência face às realidades histórico-sociais.

Portanto, característica recorrente na produção cronística de Hilst, a ironia incita o riso e propicia um posicionamento diante do cenário sociopolítico rompendo-se assim na crônica a leveza que sempre caracterizou o gênero, e instituindo-se um tratamento cáustico e feroz. Trata-se, então, de uma ironia que pode denunciar o desespero humano frente a uma sociedade que perdeu a noção de ética.

Referências bibliográficas

BIONE, Carlos Eduardo. *A escrita crônica de Hilda Hilst*. 2007. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós - Graduação em Teoria da Literatura, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7859>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986

DESTRI, Luísa. *As entrevistas de Hilda Hilst*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/viewFile/98612/97267>>. Acesso em 02/05/2017.

DINIZ, Cristiano (org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2013.


DUARTE, Lélia Parreira. Arte & manhas da ironia e do humor. In:_____. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: PUC Minas; São Paulo: Alameda, 2006. p. 17-50.

_____. Artimanhas da ironia. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, vol. 11, nº 13. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de Minas Gerais, 1991.

HILST, Hilda. *Cascos e carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Globo, 2007.

_____. *Cascos & carícias: crônicas reunidas*. São Paulo: Nankin Editorial, 1998.

KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de ironia*. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



LIMA, César Garcia. Hilda Hilst e a crônica como espaço de subversão metanarrativa. *Revista.doc*. Rio de Janeiro, v. 3, n. , p.1-14, Janeiro/Junho 2007. Semestral. Disponível em: <http://www.revistapontodoc.com/3_cesargl.pdf>. Acesso em: 02 Abril 2015.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995. 134 p.

PÉCORRA, Alcir. *Por que ler Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, 2010.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008

SILVA, Luciana D'Ávila da. *Hilda Hilst e a crônica: Uma difícil tarefa de versar sobre o cotidiano*. 2015. 74 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015. Disponível em: <[http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6131/DISSERTAÇÃO LUCIANA DAVILA.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6131/DISSERTAÇÃO_LUCIANA_DAVILA.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 05 jun. 2016.